



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/PEDAGOGIA

LARISSA BOTELHO ALVARENGA

A criança e o jogo no pensamento de Françoise Dolto: Pensar a Educação Infantil

Lavras – MG

2023

Larissa Botelho Alvarenga

A criança e o jogo no pensamento de Françoise Dolto: Pensar a Educação Infantil

Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, referente às atividades avaliativas da Disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação.

Orientador (a): Alexandre Filordi Carvalho

Lavras-MG

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida: autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia; ao meu filho João Gabriel, propulsor desse sonho; ao meu pai Cláudio e à minha mãe Andréia, bem como à minha irmã Amanda, família que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu pai Claudio, minha mãe Andréia, minha irmã Amanda e ao meu filho João Gabriel por estarem presente desde o início deste sonho, me apoiando e proporcionando o suporte necessário durante a jornada acadêmica.

Ao meu professor e orientador Alexandre Filordi de Carvalho por todo suporte necessário para a realização deste trabalho e por toda liberdade que concedeu à minha escrita.

À Universidade Federal de Lavras, bem como a todos os docentes do curso de Pedagogia que se fizeram presente nesta etapa, proporcionando todo conhecimento vital para uma formação de excelência.

EPÍGRAFE

Qualquer um que se empenhe em ouvir a resposta das crianças é uma mente revolucionária.

Françoise Dolto

RESUMO

O presente estudo se embasa na problematização de dados apresentados por Françoise Dolto, que certificam a importância do brincar, da comunicação e da escuta ativa de educadores para o desenvolvimento da criança, através de uma revisão psicanalítica, orientada por uma metodologia teórico hermenêutica em uma perspectiva interacionista e lúdica. A magnitude do pensamento de Françoise Dolto permitiu reconhecer a criança como um ser humano que possui desejos, angústias, emoções e sentimentos por meio de uma escuta ativa dirigida ao infante orientado pelo brincar. Para a pensadora, a brincadeira é algo que vai além de um momento de distração para a criança por se apresentar como uma oportunidade para potencializar suas habilidades. É através do brincar que a criança aprende; experimenta o mundo, as possibilidades, as relações sociais; expressa e organiza suas emoções; e elabora sua autonomia. O lúdico na educação deve ser visto em sua legitimidade educacional como um meio prazeroso e criativo de promover experiências significativas para o desenvolvimento integral da criança, sem oprimir a seriedade e a importância educacional objetivante. Dessa forma, este estudo utilizará da perspectiva doltoniana para evidenciar a eficácia do Lúdico para a formação cognitiva da criança mediante a fundamentos psicanalíticos.

Palavras-chave: Educação, lúdico, desenvolvimento cognitivo, brincar, criança.

ABSTRAT

This study is based on Françoise Dolto's research involving the importance of unanimous play, communication, and active listening of educators for the child's development through a psychoanalytic review guided by a hermeneutic theoretical methodology in an interactionist perspective and playfulness. Françoise Dolto's theory recognizes the child as a human being with desires, anxieties, emotions, and feelings, and it should be actively listened to and guided play. Playtime goes beyond a moment of distraction for the child, it presents an opportunity to enhance their skills. It is through playing that the child learns; explores the world, the possibilities, and the social relationships; express and organizes their emotions; and develops their autonomy. The ludic enhanced within education should be seen in its educational legitimacy as a pleasant and creative alternative to promote significant experiences throughout the development of a child, without oppressing the seriousness and objective educational importance. Therefore, this study uses Dolto's perspective to demonstrate the effectiveness of ludic for the cognitive development of a child through psychoanalytic foundations.

Keywords: Education, ludic, cognitive development, play, child.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FRANÇOISE DOLTO - RETROSPECTO	12
3. ANÁLISE DO PENSAMENTO DE FRANÇOISE DOLTO PARA A LUDICIDADE	14
4. IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ATUAL	20
5. CONCLUSÃO	24
6. REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

Os anos iniciais na vida de uma criança são de grande importância para seu desenvolvimento. A vista disto, a estruturação da pesquisa tem como finalidade gerar conhecimentos para a aplicação da prática pedagógica em uma abordagem qualitativa, no propósito de elucidar a identificação de fatores determinantes para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem eficaz. Por meio da análise do livro de *Françoise Dolto, As etapas decisivas da infância*, há a concretização de que a existência da aplicação coordenada de brincadeiras e jogos na educação infantil, bem como a comunicação e a escuta ativa, contribuem de forma substancial para o desenvolvimento das crianças.

Grande parte do processo educacional atual enfatiza em suas práxis o repasse de conceitos e conteúdos, abdicando da legitimidade da ludicidade no contexto educacional como momento de recreação e considerando-o desconexo ao ensino-aprendizagem. Porém, o ato de brincar pode-se apresentar como uma questão substancial para desenvolvimento da criança. Brincadeira de caráter simbólico desenvolve na criança os aspectos cognitivos e linguísticos, além de propiciar as relações interpessoais, compreensão de mundo e a capacidade de superar e solucionar problemas. Dessa forma, a disponibilização de recursos e métodos lúdicos e interativos, que propiciem experiências visuais, sonoras e cenestésicas nas crianças, podem se apresentar bastante eficazes no desenvolvimento e na produção de repertórios inéditos na mente da criança.

Diante da leitura bibliográfica exploratória, analítica e interpretativa da perspectiva da psicanalista e educadora Françoise Dolto, o presente trabalho busca por meio de conceitos redimensionar a perspectiva da família e também dos docentes que aderem em sua metodologia uma prática engessada da teoria tradicional, direcionando, assim, a uma ação pedagógica que vise à valorização de uma prática prazerosa para aquisição do conhecimento. No campo da psicanálise, Dolto buscou revolucionar a percepção da sociedade sobre a infância, partindo da teoria na qual a criança é ser que possui aptidão e é cognoscível. Dessa forma, tangível a essa teoria, Halmos afirma que “ouvindo as crianças, em lugar de falar delas e em seu lugar, Françoise Dolto fez uma ruptura e um escândalo” (HALMOS, 1989, p.83). Tal pelo motivo de seu interesse genuíno pelas causas do infante, o que proporcionou às crianças uma nova posição na sociedade.

Consoante aos pressupostos básicos de sua teoria, Dolto se ampara em métodos educacionais lúdicos que potencializam o desenvolvimento intelectual das crianças, de forma sadia e harmoniosa. O brincar é a atividade elementar no cotidiano do infante, o qual propicia um vasto repertório de informações, bem como a autonomia nas tomadas de decisões, a liberdade em expressar sentimentos e emoções, valores e uma perfeita oportunidade de conhecimento de mundo e de si. Além disso, o ato de brincar possibilita à criança desenvolver condutas simbólicas e de se comunicar e interagir com o outro de forma verbal ou não-verbal. E esse é momento para se aplicar um formato pedagógico estruturado, comandado pelo cuidador ou professor e executado de maneira espontânea, que vise por meio do brincar e da cultura lúdica à amplificação do desenvolvimento da linguagem e da capacidade de expressão.

O objetivo inicial da pesquisa se culmina em uma breve análise das etapas decisivas que contribuiram para a magnitude do pensamento de Françoise Dolto para a compreensão do desenvolvimento infantil, partindo de uma concepção lúdica. Logo após, explora-se a perspectiva de Dolto acerca do lúdico como ponto de convergência à infância em prol da excelência da compreensão do universo infantil. Assim, à luz da teoria doltoniana, este trabalho irá buscar atrelar a perspectiva da psicanalista e educadora Dolto com o contexto educacional atual.

Emerge daí a importância em se pensar as condições necessárias para a educação infantil partindo dos primeiros anos de vida, o momento onde há a formação das bases da memória e da atenção voluntária, além de ser a fase inicial no processo de construção da base da personalidade. Dessa forma, como ofício educacional, a família e a pré-escola devem estar submetidas a análises enfáticas, onde cabe ao educador dispor de um planejamento que ofereça à criança uma experiência rica em descobertas relevantes para o progresso psíquico. Como argumenta Ribeiro (2013, p. 1),

O lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. Os jogos e brinquedos fazem parte da infância das crianças, onde a realidade e o faz de conta intercalam-se. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância.

Somente a disponibilização de recursos materiais às crianças não será suficiente para suprir a demanda desejada no desenvolvimento, é necessário que o lúdico esteja atrelado ao brincar, em uma metodologia de ensino discreta como proposta nas sessões analíticas de Dolto. O ensino discreto se concentra em tentativas de ensino que fogem ao método de ensino

tradicional, e partem de propostas prazerosas que passam por manejos conforme o interesse da criança.

Tendo isso em mente, a presente pesquisa tem como objetivo o levantamento de informações substanciais visando a legitimidade do lúdico no desenvolvimento infantil, perpassando por etapas do trabalho conceitual e etapas do trabalho acadêmico. Assim, tecer um projeto atrelado a ludicidade no desenvolvimento infantil permite a contribuição para a realização de futuros projetos que viabilize a legitimidade da criança na sociedade, o que gera como resultante a excelência educacional na pré-escola e na escola, bem como proporcionar um norte para as práticas pedagógicas exercidas no ambiente familiar, atendimentos individualizados e escolares. Em suma, diante da vasta contribuição de Françoise Dolto ao campo da psicanálise infantil, esta análise bibliográfica tem a finalidade de tornar evidente a importância das estratégias doltonianas frente às práticas lúdicas, de cunho significativo e prazeroso, contribuindo nas ações de educadores voltadas para a elaboração de uma proposta didática eficaz.

A ênfase, assim, interpretativa se destina, conseqüentemente, para a circularidade expressiva do pensamento da psicanalista e educadora, o que assegura ênfase metodológica qualitativa e de cunho essencialmente exploratório no âmbito bibliográfico.

2. FRANÇOISE DOLTO - RETROSPECTO

A trajetória de Françoise Dolto na construção da magnitude de seu pensamento inicia-se ao analisar todo o seu itinerário familiar. Nascida em 1908, Dolto cresceu em um contexto social em que as crianças não tinham voz, não eram ouvidas e não possuíam a maturidade necessária para a verdade. Dessa forma, toda a infância de sua época é marcada por percalços, uma vez que a educação das crianças não tinha o acolhimento e suporte psíquico necessário para o seu pleno desenvolvimento. Com isso, Dolto aos 8 anos de idade decidiu que iria se tornar médica da educação, com intuito de contribuir na redução do sofrimento das crianças perante a ausência da legitimidade de expressão e sentimentos em requisito social.

Toda a infância de Dolto é marcada por valores cristãos de cunho extremista e conservadores, que repercutiram em um sentimento de culpa que se fragmentou mediante a análises. Françoise Dolto se configurou em um contexto cristão e praticante, influenciado por sua mãe, mas que gerou intensos traumas. Com 12 anos de idade iria fazer sua primeira comunhão quando descobriu que sua irmã mais velha estava doente. Diante desta situação, a mãe de Dolto a transferiu a responsabilidade de salvação de sua irmã com base na convicção religiosa. Pouco tempo depois, a irmã de Dolto faleceu, gerando uma intensa culpa mediante a sua fragilidade cristã. Esta culpa interna e intensificada pela mãe a acompanhou por mais 14 anos após se submeter a processos de análises para que houvesse a superação de convicções vinculadas a milagres. Não foram necessariamente esses traumas enfrentados com a morte de sua irmã que Françoise Dolto se tornou referência na psicanálise infantil, mas sim toda a sua ânsia pelo o conhecimento que se apresentava desde de pequena.

Outro episódio na vida de Dolto que ficou marcado para direcioná-la ao entusiasmo pela psicanálise, e muito citado, diz respeito ao seu irmão mais novo, que havia tido uma crise de vômitos após presenciar uma briga entre a babá e a cozinheira. No contexto ocorrido, os adultos compreenderam o evento como algo unicamente biológico, o que se opôs ao conceito estabelecido por Dolto, em que seu irmão estivesse se comunicando corporalmente diante do estresse provocado pelo ocorrido. Com apenas 8 anos, Dolto concluiu que os adultos não compreendiam as legítimas necessidades das crianças, ou seja, Dolto percebe que as questões psíquicas e emocionais interferiram drasticamente nas questões físicas, no somático. Através dessa e de várias outras questões vivenciadas e que a intrigava, nasce na pequena Françoise Dolto o grande sonho em se tornar médica da educação.

Dessa forma, em 1932, Dolto iniciou seus estudos em Medicina, centrando-se em seu objetivo na área da Pediatria. A originalidade de seu pensamento sobre a educação da criança destinada a pais e educadores, deu-se mediante a psicanalista René Laforgue, após uma análise individual do contexto de Dolto enfrentado com a mãe, despertando assim o seu interesse pela psicanálise, em especial, como psicanalista infantil.

3. ANÁLISE DO PENSAMENTO DE FRANÇOISE DOLTO PARA A LUDICIDADE

A primeira infância é definida como a fase da descoberta, onde as crianças buscam incessantemente novas experiências, sendo mediada por ações comunicativas, sejam elas verbais ou não-verbais. Nos primeiros meses de vida, o bebê busca por meio de balbucios, olhares e gestos com as mãos, explorar as limitações do ambiente que o cerca, com os familiares e com os objetos. Cada evento recorrente no dia, se torna o momento propício para o adulto ativar ainda mais a exploração desejada pelo bebê.

Entre os 2 a 6 meses de idade inicia-se na criança um maior interesse em promover relações com o mundo exterior, ou seja, há o desenvolvimento em questões psicossociais, mesmo que de forma passiva. A partir dessa primeira percepção de interação, a criança desenvolve os primeiros jogos mais ativos, jogos que geram prazer e que são coniventes com o adulto. Um exemplo é o jogo “Fort Dá” como designado por Freud (1920-1996), marcado por uma experiência simultânea de sofrimento (momento de tensão) e desejo (momento de prazer) de reencontro do adulto a qual se relaciona.

Freud (1920) desencadeou os princípios do jogo Fort Dá através da observação de seu neto de 18 meses na constância das brincadeiras de arremessar os brinquedos que lhe eram apresentados, sendo uma ação intensificada pela ausência da mãe em seu campo de visão. Freud constata a intensidade com a qual o seu neto brincava de arremessar e puxar o carretel de madeira, acompanhado dos fonemas “o, o, ó” designados por ele como Fort, isto é, “ir embora”, e Dá, equivalente à “aqui, achou”. O jogo representa a tentativa de se reproduzir simbolicamente as sensações desprazerosas/prazerosas causadas pela ausência e presença da mãe.

Essa captação do sentimento de desprazer é algo bastante explorado pela criança que, por sua vez, necessita de uma demanda de repetições para o conhecimento íntegro dessa emoção. Conforme as brincadeiras exploratórias vão sendo realizadas, absorvidas e dominadas pelas crianças, o desejo por novas experiências se mostra mais evidente, tornando-as mais ambiciosas por novos jogos, novas regras e novos prazeres. Acerca disso, diante dessa experiência angustiante que se harmoniza com o princípio do prazer, Gonçalves (2018, p.631) irá afirmar que

Freud explica que tal brincadeira possibilita que a criança elabore uma cena na qual se encontra numa posição passiva (assujeitada/abandonada pelo outro). Desse modo, o jogo do *Fort-da* representa uma mudança de posição: de passiva a ativa, uma vez que por meio dessa brincadeira a criança responde a uma tendência de dominação, isto é, obtém prazer com a descoberta de controle sobre a ausência do objeto (mãe) – a criança não mais se encontra à mercê dos caprichos do Outro.

Desse modo, para Freud, a criança se posiciona como sujeito da ação a partir das iniciativas das experiências do inconsciente, e que são sequenciadas pela verbalização durante o brincar. Em outras palavras, no jogo Fort Dá a criança perpassa pela experiência de obter o domínio de suas emoções, que são efetuadas pela renúncia pulsional gerada pela ação do arremesso, e que estão adjacentes a uma articulação significativa desta ação — o Fort e o Dá — como um arranjo de linguagem, porém, mediada pela brincadeira que a criança experimenta.

Ora, em uma perspectiva social engessada, a brincadeira é consagrada unicamente como um meio de lazer infantil. Hoje, sabe-se que houve a superação desse equívoco com o advento de pesquisas atreladas ao campo da psicanálise, como é proposto pela teoria revolucionária de Françoise Dolto. O brincar, em um prisma mais analítico e fundamentado, se apresenta como uma dimensão que vai além do entretenimento, abrindo espaço para um momento propício para expressar sentimentos e emoções, bem como constituir novas experiências, onde a criança é a protagonista de sua história. Para Dolto (2007), é no brincar que a criança expressa e comunica todos os seus desejos e suas emoções. Quando o adulto não corresponde a esta comunicação (seja verbal ou não-verbal), há um desequilíbrio na harmonia psicossocial de crianças que irá repercutir nos próximos anos. Na entrevista realizada por Éliane Contini para a rádio “Agora” em 1985, Dolto afirma que “a relação profunda de um ser humano com as pessoas que o rodeiam é o que mais marca” (pág. 152, 2007), ou seja, em uma perspectiva psicanalítica doltoniana, é indispensável se estabelecer uma constante relação com a criança, mas é primordial ponderar essa relação de prol de gerar benefícios do infante. Françoise Dolto defende que a resistência e a potencialidade humana de uma criança são questionadas pela sociedade devido à ausência de reconhecimento da própria.

A criança não ouve indistintamente as palavras, mas percebe de início os sons e, sobretudo, não sabemos de que maneira, percebe quando se está falando dela ou de alguma coisa que lhe interessa. Quando falamos em passear, quando falamos em sair, quando falamos sobre o gato e o cachorro, animais domésticos familiares, a criança muito pequena

adota uma mímica que prova que ela ouviu e que seus ouvidos estão afiados. (...) E é essa mímica, novamente cruzada com a evocação repetida dos mesmos fonemas pela mãe, que produz, na criança, tal como na mãe, a alegria reconhecida de estarem juntas em harmonia. E é assim que começa a comunicação originária do desejo. (DOLTO, p. 245, 1981/1996)

Em sua vasta experiência, Dolto afirma do seu apreço em fazer plantões noturnos na área da pediatria do hospital em que trabalhava, onde dedicava seu tempo em escutar e dar voz às crianças que ali estavam, com a mesma intensidade realizada com pacientes adultos, ou seja, com intensa supervisão e de forma regular. Isto mostra o interesse genuíno de Dolto em escutar e se atentar às legítimas necessidades expressadas pelas crianças.

Em um dos casos clínicos de Dolto, ela aborda a dependência de uma criança de 4 anos do pai para poder se locomover. Era nitidamente uma situação de dominância paterna sobre o problema, como uma forma mais objetiva de se relacionar e “solucionar” a invalidez da filha. Dolto observava analiticamente como os pais estavam centrados em atender o desejo da filha em se locomover de forma mais dependente e simples, mas precisam enxergar este como um caso gatilho para a superação da filha por meio da autonomia. Dessa forma, para Dolto a análise com criança deve partir da necessidade de que a criança e a família se auto-ressignificação com base em uma análise pessoal partindo do diálogo em benefício da quebra de uma alienação dos pais com relação às crianças. Esta afirmação comprova a validade de trazer para a análise a busca por novas perspectiva família, pois Dolto afirma as severas consequências sintomáticas das ações do adulto para as crianças: “uma criança herdeira de nossas dívidas de adultos, uma criança sintomática do que permaneceu atado às gerações que a precederam” (CIFALI, 1989, p. 65).

Dessa forma, com intuito de desenvolver esse ponto observados nesse episódio, Dolto afirma que,

[...] que é preciso é educar as crianças, deixá-las autônomas, livres em suas iniciativas, e sobretudo reconhecer que não podemos satisfazer todos os seus desejos - é impossível, já que elas têm desejos impossíveis de satisfazer-, mas sempre reconhecer que seus desejos são válidos, mas que não os satisfaçam. (DOLTO, 1985, p.153)

Dessa forma, diante de todas as experiências no campo da pediatria e também das vivências de sua infância - como o caso do seu irmão com episódios de náuseas - Dolto busca em sua abordagem reconhecer as consequências que o inconsciente pode afetar no corpo, ou seja, toda relação de afeto e das palavras desenvolvidas entre crianças e o outro, contribuem

para a constituição das primeiras imagens inconscientes do corpo (COSTA, 2007). A associação é um comportamento típico do ser humano. Ele necessita de associações para estimular ou desenvolver seus próprios interesses. Para Dolto, o processo da construção do *eu* da criança é iniciado desde sua concepção e é constituída pela memorização de experiências interacionista, ou seja, da relação com o outro.

Resgatando o tema central deste trabalho, Dolto afirma no livro *As etapas decisivas da infância* (2007, p. 113) que o brincar e o jogar não são algo provenientes do capitalismo, mas que desde a pré-história são vistos como uma metáfora do desejo:

Muito antes da descoberta das faixas etárias e da comercialização de brinquedos específicos para cada idade, brinquedos fabricados e caros, sofisticados, e denominados educativos, os adultos amorosos davam brinquedos aos filhos. As tumbas de crianças dos tempos pré-históricos, que são descobertas hoje, provam que existiam tais jogos específicos dos filhotes dos homens, meninas e meninos. Valor e prazer, metáfora do desejo, se conjugavam diferentemente conforme o destino procriador futuro da criança que com amor os seus pais enterraram com seus brinquedos preferidos.

Entretanto, esquecidos da revigorante infância propiciada por jogos e brincadeiras que diferem do valor capital, os adultos se deixaram levar pelo contexto social onde os brinquedos não exigem um complexo imaginário e criativo das crianças. O desejo das crianças em se apropriar de brinquedos fabricados é designado pelo desejo do adulto, porém essa subjugação não irá alimentar o imaginário do infante.

Dolto nos enfatiza que tudo o que é reproduzido pelo adulto é muito apreciado pela criança. Dessa forma, Costa (2010) irá trazer em seu embasamento teórico, e referenciado por Dolto, que a criança é fruto de um desejo objetificante do outro, ou seja, todo sintoma apresentado pela criança é oriundo da estrutura familiar. A criança desde de seu nascimento, é posta por uma constante construção simbólica, o que torna explícito a necessidade do outro para a organização intrínseca. Por sua vez, Nunes e Garcia (2006, p. 72) referenciam a perspectiva doltoniana afirmando que “o feto tem vida e desejo próprios, mas é a relação com o outro que o humaniza. É através do olfato, da visão, da audição e do tato que o bebê organiza suas trocas significativas com o cuidador, então desde o princípio é uma construção simbólica.” Ainda, Tavares na mesma obra (1996, p. 69) argumentará que

[...]a criança se vê, por um lado, confrontada com um saber no Outro sobre ela, no qual poderia vir a se alienar de um modo absoluto, fazer ecolalia, ser tão-somente o que esse Outro deseja nela; e, por outro lado,

se encontra diante de um espaço, um intervalo, deixado para que ela venha a saber. Esse espaço, quando existe, introduz a questão da castração para a criança, porque a suspensão do saber, a colocação da ignorância, se constitui para ela como uma negativa do outro a lhe oferecer seu saber – dito de outro modo, aparece o recalque.

Para desenvolver percepções psicossociais na criança, Dolto utiliza da comunicação e da escuta ativa para detectar as demandas expressadas pelas crianças, bem como os incômodos psíquicos exaltados no momento. Pela complexidade de expressão verbal desses sentimentos, Dolto se apropriou do brincar como um elemento de análise das adversidades psíquicas que repercutem para o corpo, um objeto de trabalho e estudo que propicia nas crianças um prazer vinculado à aprendizagem que contribui significativamente no auxílio do progresso do tratamento.

As crianças sentem prazer e curiosidade quando imersas em ambientes variados. É a partir do brincar ou jogar que a criança realiza suas satisfações, seus desejos, permitindo que expressem seus sentimentos e emoções nas relações do ter, perder, fazer, desfazer, criar e recriar o jogo diversas vezes até esgotar as possibilidades. No jogo a criança supera a realidade e se põe em domínio da situação fantasiosa a fim de encontrar o seu prazer e compartilhá-lo com seus congêneres. É por meio deste vasto repertório de experiências com brincadeiras e jogos que a criança configura, significa e ressignifica o mundo externo, contribuindo assim para a construção de novos conhecimentos.

Sendo o brincar um agenciamento indispensável nesse progresso de significação e ressignificação de questões psíquicas, Dolto defende que o brincar deve ser ponderado nos requisitos instrumentais. Para a psicanalista, brinquedos que irão promover uma maior expressividade e autonomia nas tomadas de decisões das crianças são aqueles que provocam o imaginário, desafiam a criatividade. Brinquedos com objetivo de ação engessados terão poucas possibilidades de gerar criatividade, como os apresentados por brinquedos fabricados. Françoise Dolto defende que a utilização de brinquedos artesanais, como o desenho, massinha e pintura são instrumentos valiosos para a psicanálise e também para o pleno desenvolvimento da criança.

Atividades voltadas para a pintura e o manuseio de matérias para tal prática (como as mãos, pincéis, palitos...) como as desenvolvidas na Clínica de Françoise Dolto, propiciam nas crianças um momento rico em experiências de exploração, de identificação e autoconhecimento. Porém, vale frisar que o processo de brincar não é algo proveniente da

criança, ela necessita da mediação de um adulto ou de outra criança para desenvolver o seu repertório de brincadeiras, e posteriormente se identificarem nestas reproduções.

Françoise Dolto irá trazer o brincar como um ato de autonomia e propício a gerar mudanças, direcionada pela linguagem corporal e/ou verbal. Nos atendimentos feitos em sua clínica, Dolto defende fielmente que uma psicanalista não deve brincar com a criança, mas precisa dar elementos para que a criança crie e interprete esta criação, como lápis, giz, folhas ou massinha de modelar. O mais intrigante é que Dolto priorizava as interpretações das crianças em detrimento a análise da profissional, pois é a partir dos relatos das crianças feitos mediante as suas criações que as mudanças acontecem. Ou seja, a autoanálise que o paciente faz, é indispensável para estimular que se identifiquem na criação.

4. IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ATUAL

Em contexto educacional, posiciona-se em primeiro plano as necessidades legítimas da criança conforme o que é imposto pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), onde presume que a brincadeira deve ser colocada como um dos princípios fundamentais e indispensáveis para o estímulo individual expressivo intelectual, de comunicação e/ou interação da criança. Acerca do que dispõe tal referencial, a brincadeira é validada como um método eficaz para promover o desenvolvimento global da interação social, da resolução de problemas e desafios, da criticidade, da formulação de estratégias, além de possibilitar o estímulo de habilidades fundamentais na vida do ser humano – respeito, empatia, autoconfiança e entre outros.

Contudo, o brincar nem sempre foi visto como uma ferramenta valiosa em prol da educação. Dolto em sua infância pôde perceber que as crianças eram vistas como seres que não necessitavam de serem ouvidas, de terem a atenção dos adultos. Esta afirmação se fixa pelo brincar ser a única atividade do dia, a qual é vista como um meio de lazer inerente a retornos sociais. Dessa forma, a comunicação de adultos com crianças era restrita e muitas verdades eram omitidas, já que tais não iriam compreender a complexidade da vida adulta. Dessa forma, desde sua infância, Françoise Dolto acreditou nos intensos efeitos causados nas crianças pela ausência de uma comunicação ativa. Assim como o episódio do irmão mais novo, Dolto pôde perceber como as ações de adultos são absorvidas pelo inconsciente das crianças, mesmo que elas não saibam de fato o que lhes é dito, gerando intensas deduções traumáticas que se espelham em ações do corpo.

Dolto busca então extrair desse conceito de transferência do inconsciente para o corpo a magnitude de sua teoria em benefício da educação. Segundo Pivot (1989 citado por KUPFER, 2006, p. 567), conivente a esta perspectiva afirma:

Um médico de educação é um médico que sabe que os problemas na educação podem provocar doenças nas crianças, não verdadeiras doenças, mas capazes de causar aborrecimentos para as famílias e complicar a vida das crianças, que poderiam sem isso viver muito mais tranquilas.

Assim, como médica da educação, Dolto buscou nortear pais e professores a aumentarem condutas comunicativas que buscassem compreender as legítimas necessidades e

desejos das crianças, gerando assim a harmonia do inconsistente -consequentemente do corpo-, provenientes do sucesso do método doltoniano. O principal objetivo de Dolto era zelar pela criança e sua legitimidade perante a sociedade, mas isso depende da quebra de uma alienação familiar arcaica, ou seja, é indispensável educar as famílias, que são na maioria das vezes, causadoras de traumas psíquicos da criança.

Dessa forma, Françoise Dolto buscou disseminar seu conhecimento na clínica, em instituições, em praças públicas e na rádio, onde propunha um diálogo aberto ao público a fim de esclarecer equívocos educacionais, e notou a recorrência na dificuldade entre os pais para promover a autonomia das crianças. A partir dessa observação, Dolto implementou a “Maison Vert”, traduzida para o português por “Casa Verde” com intuito de propagar a importância da comunicação na infância, seja ela verbal e/ou não-verbal. A função da Maison Vert é vista como um meio de socialização entre as crianças na presença obrigatória dos pais ou responsáveis. Isso porque este é um ambiente revolucionário, onde as crianças ficam a par de toda comunicação estabelecida entre responsáveis e profissionais a fim de que a criança seja reconhecida integralmente como um ser humano. Dolto (2007, p. 157) ainda afirma sobre a Maison Vert que

Eles não depositam seus filhos para sair..., nem sequer durante cinco minutos. É isso que é revolucionário, realmente. É isso que, de um lado, é revolucionário. Depois, é um lugar onde falamos às crianças; é a criança que acolhemos. Não sabemos o sobrenome, não sabemos o status econômico e social, não sabemos o bairro onde vivem a criança e os pais. É um local de palavras. É um local de lazer e um local de palavras, o que dizer que tudo que os pais dizem do filho, nós o dizemos à criança.

Dolto afirma que na Maison Vert as crianças estabeleceram um maior contato com outras crianças, com outros adultos que não fossem os cuidadores, mas que essa interação não estaria isenta com aconchego parental. Essa relação inter-social ritmada com o diálogo constante, permite desenvolver a autonomia na criança, de forma gradual e regular, gerada pela desdramatização dos pontos de tensão, sendo um deles a separação familiar gerada no ambiente escolar. Desse modo, as crianças sentem uma maior segurança em estabelecer vínculos nas instituições escolares do que as crianças que entram diretamente em uma creche sem passar por essa adaptação social.

A educação é uma experiência coletiva na qual, para que haja educação ou seja educado, se faz necessário o contato com o outro. Como afirma Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido*

“ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981, p. 79). A família é a primeira organização social em que a criança tem contato, e é a única responsável por incluir este ‘pequeno’ ser no processo de socialização. Como primeiro meio de interação, a família deve zelar em transmitir valores à criança, bem como proporcionar carinho, atenção e segurança. Como afirma Oliveira (2003, p. 66), a “família é a primeira agência de controle social da qual a criança participa, ocorrendo uma socialização baseada em contatos primários, mas afetivos, diretos e emocionais”. Diante do exposto, é de suma importância ressaltar que o primeiro contato comunicativo se atrela às questões emocionais, de desejo e necessidade da criança. Quando ainda bem pequeno, o bebê chora ao sentir dor, ao querer se alimentar; nos primeiros anos de vida, a criança chora, gesticula e direciona olhares para a aquisição de algo desejado. E devido ao convívio e ao conhecimento concreto da família, todos os desejos são atendidos de forma exemplar, permitindo assim que a criança se assegure daquilo que é de mais essencial: alimentação, segurança e afeto. Nesta limitação de contato social, a criança está à mercê dos cuidados da família, se tornando passiva a complexidade comunicativa em prol de demonstrarem desejos e necessidades.

No ambiente escolar, com o advento de uma separação gradual e saudável, a criança passa a assumir uma posição ativa no meio em que está inserida em benefício próprio. Esse meio social inédito para a criança, implica com pessoas que desconhecem os seus desejos e as suas necessidades, sendo necessário intervenções das crianças para torná-las “comunicáveis”, e é a partir deste momento em que há a demanda por desenvolver sua capacidade comunicativa. A criança passa a se apropriar de noções comunicativas reconhecidas pelo outro para poder expressar-se, para poder demonstrar seus desejos e necessidades a fim de ser atendida.

A partir dessa primeira interação comunicativa, e nas interações com outras crianças e adultos, a criança irá descobrir a existência de outro modo de pensar e agir, e diante das diferenças irá fazer o manejo do seu modo de pensar, de agir diante da existência da alteridade, a qual Dolto tem bastante apreço. E diante de um cenário inédito de convívio social, a criança se depara com a questão das diferenças, há então um conflito de realidade, de ideais - há a identificação do outro, em como a criança irá se encontrar no outro.

Dolto se propôs a escutar as crianças em uma época em que estas não tinham voz na sociedade, não eram vistas como sujeito social. O mais revolucionário das condutas da

educadora psicanalista é apresentar a relevância da comunicação para o desenvolvimento infantil partindo da estabilidade psíquica gerada por estratégias lúdicas.

Contudo, mesmo diante da vasta dedicação de Dolto em prol de legitimar o lúdico perante sua eficácia no processo de potencialização das habilidades, ainda sim, há uma intensa resistência em priorizar o lúdico na educação vigente. Através do lúdico, Françoise Dolto pôde demonstrar o quão libertador pode ser o processo de aprendizagem, e antagônico a esta teoria, se encaixa o tradicionalismo de um ambiente escolar com um viés estereotipado: harmonização civil.

A luz da significativa teoria doltoniana, jogos e brincadeiras auxiliam educadores a compreender o universo da criança e utilizá-lo como artifício para desenvolver as capacidades no infante de forma espontânea e isenta de opressão. A partir da validação da infância e dos aspectos que a compõem, juntamente com ensino estruturado lúdico, o desenvolvimento de aspectos afetivos, comunicativos, sociais e cognitivos fica mais evidente.

5. CONCLUSÃO

O explorar para criança é a principal atividade realizada no dia-a-dia, sendo uma ação propulsora do desejo que geram diversas regalias para o seu desenvolvimento, como o autoconhecimento proporcionados pelas limitações, à autonomia nas tomadas de decisões, liberdade para expressar livremente seus sentimentos e emoções, suas individualidades, identidade e valores, de se conhecer e conhecer o mundo ao seu redor. Desse modo, o brincar apresenta-se como uma perfeita oportunidade de exploração, o qual promove o processo de construção de significados por meio do plano de imaginação, no brincar a criança explora, coleta, cria, coleciona e inventa conforme sua vontade e/ou por meio de experiências passadas. Assim, é na ação do brincar que a criança desenvolve habilidade em elaborar suas reflexões, estratégias, criatividade e independência, permitindo o aumento do repertório de suas vivências e do grupo que tal está inserida. Acerca do que foi afirmado, vale frisar que, para que o brincar se torne uma ação propulsora do desenvolvimento, é necessário e indispensável a articulação entre o lúdico, a infância e um ensino estruturado, visto que toda a atividade realizada pelo infante deve ser espontânea, isenta de repressões ou atividades subordinadas pela ação do mediador.

Para Françoise Dolto, o brincar age como potencializador no desenvolvimento das capacidades da criança, como por exemplo a comunicação, visto que a linguagem preexiste à fala. Antes de desenvolver a fala, a crianças perpassa por ações comunicativas baseadas em gestos, olhares e balbucios em parâmetros passivos, porém, conforme vai atingindo complexidade nas interações com o exterior, as crianças passam a dar cada vez mais sentido a esta comunicação em prol da interação com as pessoas que a rodeiam. Dolto afirma em sua entrevista à rádio da legitimidade em se estabelecer um diálogo ativo com bebês e crianças, mesmo que a comunicação seja realizada de forma passiva. A criança não necessita dominar a fala para compreender o que se é dito, ou as intenções da comunicação, pois a criança é “reconhecida como um humano na linguagem”, “tudo é linguagem para a criança”, como é homologado por Dolto em sua entrevista (2007, p. 159).

Em sua prática inovadora, a psicanalista e educadora Françoise Dolto revolucionou a perspectiva social sobre a infância, agindo como defensora das causas da criança. Mediante a intensos estudos que buscaram legitimar os desejos do novo indivíduo, Dolto se beneficiou de

seu interesse pela área da educação, consoante com a medicina para poder analisar a fundo os sintomas psíquico-somáticos apresentados pelas crianças em suas análises. A partir desse genuíno interesse em quebrar paradigmas de segregação infantil social, Dolto pode certificar o impacto emocional causado por ações de cuidadores no inconsciente da criança, e como isso repercute nas relações interpessoais.

Diante dos pressupostos teóricos apresentados por Françoise Dolto, pode se compreender que a psicanalista dissipa a lógica de que as crianças são seres ativos no processo de aprendizagem, com domínio em aptidões e bastante cognoscível. A contribuição de Dolto para o desenvolvimento da criança se apresenta como alavanca motivacional, um caminho para estimular a capacidade da criança, e não como fornecedora de capacidade. Assim como a clínica, a Maison Vert se apresentou como uma aposta na autonomia da criança, onde Dolto buscava que a criança expressasse seus sentimentos, emoções e desejos para o reconhecimento de si, para se situar no mundo. E como aliada de seu objetivo, a escola se apresenta como um perfeito cenário para o desenvolvimento da autonomia. Na escola a criança está rodeada de pessoas que não possuem conhecimento de seus desejos e necessidades, fazendo-se necessário se expressar para ser compreendida. Nesse sentido, a partir de todo amparo da teoria doltoniana, pode-se perceber a importância da escola para que haja essa alteridade nas relações pessoais estabelecidas pela criança no ambiente escolar, o que irá contribuir significativamente para uma maior harmonia para a vivência em sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREITAS, Maria da Gloria Feitosa. **Da psico(bio)logia do jogo infantil ao desejo de fazer-de-conta que é adulto: um estudo sobre o brincar infantil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

GONÇALVES, Renata. **Um estudo de caso sobre a brincadeira do FORT-DA como indício de estruturação do sujeito**. São Paulo: Estilos da Clínica, 2018.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez editora, 2017.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Françoise Dolto: uma médica de educação**. Fortaleza: Revista Mal-Estar e Subjetividade, 2006.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares; COHEN, Ruth Helena Pinto. **Brincar como modo de tratamento ao real da doença**. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2013.

MIRANDA, Vanessa; TEIXEIRA, Juliana. **O “brincar” e a construção do conhecimento na educação infantil**. Paraná: Grupo de Trabalho – Educação da Infância, 2015.

NUNES, Caroline Maria; GARCIA, Edna Linhares. **O brincar em sua diversidade na clínica contemporânea: estudos clínicos**. Jornada de Pesquisa em Psicologia, 2017.

PINHEIRO, Francisco Lamartine Guedes; MATOS, Letícia Maria Teixeira. **A influência de Françoise Dolto na clínica psicanalítica com crianças na atualidade**. Rio de Janeiro: Psicanálise & Barroco em Revista, 2016.

SOLER, Vanessa Tramontin; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos**. Paraná: Estilos da Clínica, 2012.

WINNICOTT, Donald Wilson. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.